



ELAS DANÇAM COM ELAS: A CONFIGURAÇÃO DA IDENTIDADE FEMININA EM AS MULHERES DA QUADRILHA

Roberta Tiburcio Babosa

Universidade estadual da Paraíba - robertatiburcio02@hotmail.com

Fernanda Félix da Costa Batista

Universidade Estadual da Paraíba; fernanda_p1@hotmail.com

Joseilma Pereira Barros

Universidade Estadual da Paraíba; josy_conan@hotmail.com

Romualdo da Silva Sales

Universidade Estadual da Paraíba; romualldosales@gmail.com

RESUMO: A personagem feminina vem ganhando espaço na produção pós-moderna e mais que isso, vem se apresentando com toda a complexidade social e ideológica que os autores e autoras antigos silenciavam. Assim, percebe-se que a narrativa encontra-se em um processo de desconstrução dos estereótipos da mulher na Literatura. Entre os escritores e escritoras contemporâneos, que buscam uma visão mais moderna e desmistificadora da mulher, Janaína Azevedo, com o conto "As mulheres da quadrilha", (re)configura a subjetividade da mulher pós-moderna de maneira original e interdiscursiva. Em um processo de clara intertextualidade com o poema "A quadrilha", de Carlos Drummond de Andrade, e "Os três mal amados" de João Cabral de Melo Neto, o conto de Janaína traz à baila as diversas faces da mulher e seus dilemas cotidianos. Procuramos, assim, refletir sobre a identidade feminina no conto azevediano, tendo em vista que é principalmente na atual escrita feminina que o espaço literário se mostra menos pré-concebido e mais aberto em relação à personagem feminina, deixando espaço e voz para que as personagens se apresentem e falem sobre si, proporcionando real visibilidade à suas subjetividades. Nesse sentido, discutiremos a semiotização da mulher pós-moderna nas personagens do conto em questão.

Palavras-chave: Mulher, identidade, visibilidade, Literatura.



INTRODUÇÃO

Pensar as manifestações literárias atuais nunca foi tão difícil, pois ao se buscar uma unicidade de ideias ou uma clareza a respeito de tal personagem ou autor, só encontramos a pluralidade de visões a cerca delas.

A personagem feminina vem ganhando espaço na produção pós-moderna e mais que isso, vem se apresentando com toda a complexidade social e ideológica que os autores e autoras antigos silenciavam, ou seja, a narrativa está a desconstruir os estereótipos de mulher na Literatura.

Entretanto é preciso observar que essa desestereotipação ainda se faz de maneira lenta e repleta de contradições, plena de opostos, uma vez que ao lado da mulher independente a mulher arquetípica se faz presente e complexifica a subjetividade dessa nova mulher.

Entre os escritores e escritoras contemporâneos que buscam uma visão mais moderna e desmistificadora da mulher Janaína Azevedo, com o conto "As mulheres da quadrilha", semiotiza a subjetividade da mulher pós-moderna.

Em um processo de clara

intertextualidade com o poema "A quadrilha", de Carlos Drummond de Andrade, e "Os três mal amados" de João Cabral de Melo Neto, o conto de Janaína traz à baila as diversas faces da mulher e seus dilemas cotidianos.

Procuramos, assim, refletir sobre a configuração feminina no conto "As mulheres da quadrilha", tendo em vista que é principalmente na atual escrita feminina que o espaço literário se mostra menos pré-concebido e mais *alter* em relação à personagem.

A obra Azevediana busca romper com o que Millet (1970) chama de "política sexual", a qual leva os escritores, e a sociedade, a representar os papéis femininos de maneira subalterna ao masculino como se isso fosse inerente à natureza da mulher.

Assim, no conto em questão, o feminino assume identidades diferentes em diferentes momentos, como afirma Hall (2006) "A identidade plenamente unificada, completa, segura e coerente é uma fantasia"(p.13).

Nesse sentido, não objetivamos apresentar uma análise da personagem feminina no conto "As mulheres da quadrilha", mas sim refletir a cerca da singularidade das várias manifestações do



feminino na obra e, dessa maneira, compreender a pluralidade/totalidade da subjetividade feminina no texto em questão.

METODOLOGIA

Através da leitura e interpretação do conto "As mulheres da quadrilha", de Janaína Azevedo, buscaremos compreender, por meio de pesquisa bibliográfica, a configuração do feminino na obra e sua relevância para os demais estudos na área.

Procuraremos analisar as personagens pelo viés crítico cultural, tendo em vista que a inserção da mulher na sociedade é um tema que transcende o texto literário e se faz objeto de conhecimento do real. Nesse sentido, a escrita feminina e, principalmente, a escrita feminista, aliada ao movimento social, busca romper com velhas ideologias e propor o descentramento do sujeito cartesiano e sociológico,

Ele questionou a distinção entre o "dentro" e o "fora", o "privado" e "público". O slogan do feminismo era: "o pessoal é político".

Ele abriu, portanto, para a contestação política, arenas inteiramente novas de vida social: a família, a sexualidade, o trabalho doméstico, a divisão doméstica do trabalho, o cuidado com as crianças, etc.

Ele também enfatizou,

como uma questão política e social, o tema da forma como somos formados e produzidos como sujeitos generificados. Isto é, ele politizou a subjetividade, a identidade e o processo de identificação (como homens/mulheres, mães/pais, filhos/filhas).(HALL, 2006, p. 45).

Assim, buscaremos observar o papel social exercido e esperado das personagens femininas no conto em questão, bem como refletir a cerca da configuração dessas mesmas personagens em textos com os quais o conto dialoga, observando como ocorre uma *metamorfose* da mulher real nas personagens da obra, tal como George Sansa, no conto "Metamorfose" de Franz Kafka, que se transforma literalmente em uma barata, a mulher contemporânea se metaforiza nas personagens do conto azevediano.

Entretanto, diferente da barata do conto kafkiniano a mulher semiotizada no conto de Janaína não é concreta, ela é abstrata, e, mas que isso, é plural, mostrando que a identidade feminina, assim como as demais identidades, está atualmente se fragmentando, ou seja, é composta de diversas partes que, com sua singularidade, constituem o que chama-se hoje de mulher pós-moderna.



A configuração dessa mulher contemporânea nas obras é feita e, principalmente, narrada, de maneira a deixar cada vez mais evidente a sua multiplicidade identitária, ou seja, a presença de muitas mulheres, ou muitas faces, em uma única personagem.

Dalgastagnè (2012) afirma que na narrativa contemporânea o espaço da ficção, hoje, é tão ou mais traiçoeiro que o da realidade. O narrador não tem a intensão de ser claro sobre tal ponto ou de emocionar seu leitor, mas de, com sua escrita, reafirmar a imprevisibilidade do mundo e as armadilhas do discurso.

A forte presença do narrador no texto contemporâneo, como aquele que assume uma postura crítica, faz com que aumente a sua complexidade em relação às personagens, que cada vez mais vão se apagando, perdendo os atributos que lhes eram dados nos textos tradicionais,

No entanto, se às personagens foram subtraídas as vestes e outras marcas de identidade, talvez, elas tenham ganho um bem mais precioso: a palavra sobre si. Monólogos interiores, fluxo de consciência, diálogos, às vezes, o simples fato de terem se transformado no “ponto de onde se vê” permitem uma ampliação de seu espaço

na narrativa. Podemos não saber muito de sua aparência física, ou de seus apetrechos domésticos, talvez, não conheçamos sequer o seu nome, mas temos como acompanhar o modo como elas sentem o mundo, como se situam dentro de sua realidade cotidiana. E pouco importa se sua percepção está obstruída, se seu discurso é falho – tudo isso continua dizendo quem elas são. E diz tanto que acaba falando até do modo como nós a vemos, o que vai dar num acréscimo, ainda que tortuoso, à sua existência.
(DALGASTAGNÈ, 2012, p. 95).

Nesse sentido, por meio da análise interpretativa da narrativa em foco, visamos desenhar o perfil de cada personagem, observando suas singularidades e potências.

Resultados e Discussão

No conto "As mulheres da quadrilha" Janaína Azevedo nos apresenta uma continuação da história das personagens femininas do poema "A quadrilha" de Drummond, é tanto que logo no prefácio a autora traz o texto drummoniano,

Quadrilha
João amava Teresa que
amava Raimundo
Que amava Maria que
amava Joaquim que
amava Lili



XII CONAGES

XII COLÓQUIO NACIONAL REPRESENTAÇÕES
DE GÊNERO E SEXUALIDADES

Que não amava
ninguém
João foi para os Estados
Unidos, Teresa para o
convento,
Raimundo morreu de
desastre, Maria ficou
para tia,
Joaquim suicidou-se e
Lili casou-se com João
Pinto Fernandes
que não tinha entrado na
história.

Ao longo do conto as personagens drummonianas vão se apresentando e contando um pouco sobre si, a primeira é Teresa,

Tenho a poucos
centímetros de mim uma
vasta possibilidade.
Penso que poderia
considerá-la, não fosse
um outro mundo, vasto
também, com rima, mas
sem solução. João me
ama, mas eu quero o
mundo. À proporção
que me afasto de João, o
mundo se afasta de
mim. O mundo quer
outra
mulher. (AZEVEDO,
1999, p.22)

Teresa, que no texto drummoniano é o amor de João e apaixonada por Raimundo, fala de sua difícil escolha entre um amor pacífico e um amor pulsante, entretanto não é só aos homens que estão a dividindo que Teresa se refere, mas a sua própria condição enquanto mulher.

Ao buscar o mundo/Raimundo, que

ela acredita que será feliz se conseguir, ou seja, ao se tornar mais independente e senhora de si, Teresa se depara com o afastamento das pessoas que ama, ou a impossibilidade de continuar sendo a mesma mulher de antes, assim, à medida que ganha autonomia Teresa se vê cada vez mais só, em uma clara representação/metaforização das dificuldades femininas de unir suas novas tarefas com suas velhas responsabilidades, como a família.

Com Teresa vemos o quanto é controverso o discurso atual de que a sociedade é um ambiente propício e confortável à mulher moderna, pois, ainda impõe certos preceitos clássicos patriarcais sobre o público feminino, como a maternidade e o casamento.

Após o desabafo de Teresa, surge Maria, aquela que amava Joaquim e era amada por Raimundo, ao contrário da primeira ela se apresenta com todas as oportunidades para ser feliz no mundo/Raimundo, mas se sentido mais confortável e, por consequência, mais alegre, em um espaço mais calmo, familiar, como aquela mulher que em meio à modernidade ainda prefere ser clássica, ter uma vida menos agitada, menos independente, mas não subalterna nem totalmente dependente "o meu mundo teria de ser apenas um pouco morno de vez em quando" (AZEVEDO, 1999, p. 22).



Lili aparece como uma mulher mais segura e consciente que as demais, não só no conto, mas também no poema drummoniano, uma vez que ela é totalmente ciente de sua condição feminina no mundo e mais, ela resiste à dominação patriarcal, embora saiba o quão forte é sua força, "porque se preocupar em amar os homens tão logo, se esse é sempre o nosso fim" (AZEVEDO, 1999, p. 23)

O desprendimento das relações amorosas, com homens, primeiro sinal para Lili de que ela cumpria uma sina de todas as mulheres, mostra a luta feminina em resistir à imposição da fertilidade e do espaço de senhora do lar e revela a sua vontade em ser totalmente independente, a tal ponto que rejeita o amor de Joaquim, o qual só vivia sonhando com a família perfeita que os dois poderiam ter, a tal ponto que, em uma intertextualidade clara com João Cabral de Melo Neto, o amor comeu Joaquim e ele acabou se suicidando, a semelhança dos poetas românticos brasileiros, os quais idealizavam não só o amor, mas também a mulher, construindo e mantendo o estereótipo feminino na literatura e na sociedade.

Seguindo na leitura, vemos o desfecho das personagens e a forma como elas enxergam esse momento, Teresa, que vai para o convento, desiste de enfrentar o mundo que ela tanto queria que lhe fosse receptível, pois se desilude com as dificuldades, para ela "o

mundo capotou e morreu" (AZEVEDO, 1999, p. 23).

Maria, por sua vez, na impossibilidade de viver amor/vida como imaginara se fecha, desiste de lutar, e fica presa no espaço que lhe é confortável, "Joaquim era a minha esperança de felicidade, de fertilidade. Só nele eu me multiplicaria"(opcit, p.23).

Vemos Maria como a mais fiel representante, na obra, da mulher tradicional, aquela que sonha em ser mãe, que este é seu maior desejo, não negamos ou condenamos a existência dessa mulher na atualidade, o que importa não é o que a mulher deseja para sua vida, mas sim as reais possibilidades que ela tem de atingir seus objetivos, dessa maneira, é perceptível que tanto Maria, quanto Teresa se sentem impotentes frente aos obstáculos que lhes foram impostos pela sociedade patriarcal.

De maneira diversa Lili acaba tendo o mesmo destino das companheiras, aquele que ela tentou atrasar na juventude, mas que sabia que chegaria, o dia do seu casamento, se casou sem amor, não prometeu nada ao homem com quem casara, o fez apenas por imposição da sociedade heteronormativa em que vive,

Depois que o amor comera Joaquim, eu vim para o Nordeste. Principalmente casei-me



XII CONAGES

XII COLÓQUIO NACIONAL REPRESENTAÇÕES
DE GÊNERO E SEXUALIDADES

no Nordeste. Foi assim: era noite de São João e uma quadrilha nos separava. Enquanto a quadrilha rodava, girava, ele me esperava, distante, no outro lado. E aconteceu: eu cheguei até ele, a quadrilha terminara. Muito sério ele disse que se chamava Jota Pinto Fernandes, e que ia entrar na minha história. E eu não lhe prometi nenhum amor. (AZEVEDO, 1999, p. 24)

É interessante observar também o nome do marido de Lili, Jota Pinto Fernandes, porque só ele tem sobrenome em relação aos demais personagens? É óbvio que se trata de um homem de posses, de família abastada, conhecida como uma família de renome, assim, o casamento é também um investimento financeiro para Lili.

A forma como as personagens se conhecem em se apaixonam, semelhante a uma dança, uma quadrilha, que também é o nome dado a um grupo criminoso, nesse caso relacionado a situações de injustiça ou trapanças sociais praticadas e, principalmente, sofridas por essas mulheres, que vêm seus sonhos aniquilados por um ciclo de dominação masculina sobre elas e que tende a repetir-se e impor-se na pós-modernidade.

Vemos no conto não só a

representação de um cotidiano que tende a fazer com que as pessoas se apaixonem e sofram desilusões amorosas, ao dar uma continuidade às histórias das mulheres, e não dos homens, Janaína Azevedo faz com que se olhe para a intimidade, para a personalidade dessas mulheres, que na poesia tinham um fim mais comportado e preconcebido que as personagens masculinas.

Basta olhar para o final de cada personagem drummoniano para perceber o quanto o desfecho da vida dos homens é mais original do que o das mulheres, uma vez que eles viajaram para os EUA, morreram em um acidente e suicidaram-se, e as mulheres ficaram para tia, viraram freira ou se casaram por conveniência.

Percebe-se um espírito aventureiro e mais intenso na personagem masculina em contraste com a brandura e a obriedade da personagem feminina, ser freira ou ficar solteira ou casar por uma convenção são atos que se esperam das mulheres para que elas sejam bem aceitas na sociedade, sejam vistas como mulheres de boa índole, ao passo que a independência, como tinha outrora Lili, só as faz ser menosprezadas e perseguidas até que se rendam ao jugo patriarcal.

É de notar-se, ainda, que em “Os três mal amados”, de João Cabral de Nelo Neto, citado pela autora no prefácio do conto



XII CONAGES

XII COLÓQUIO NACIONAL REPRESENTAÇÕES
DE GÊNERO E SEXUALIDADES

tínhamos a continuação da história dos homens, um momento em que cada um deles falava sobre suas impressões de vida e das mulheres amadas, assim, ao descrever as três personagens usavam termos e colocações que faziam com que se pensasse que elas eram mulheres sem identidade, apenas simples projetos de seu amor, como se não pudessem responder ou mesmo dizer quem são, cabendo a eles a tarefa de dar-lhes personalidade,

RAIMUNDO: Maria era também a folha em branco, barreira oposta ao rio impreciso que corre em regiões de alguma parte de nós mesmos. Nessa folha eu construirei um objeto sólido que depois imitarei, o qual depois me definirá. Penso para escolher: um poema, um desenho, um cimento armado - presenças precisas e inalteráveis, opostas a minha fuga. (trecho de *Os três mal amados*)

Nesse sentido, é notável que ao dar voz às mulheres da quadrilha Janaína Azevedo faz com que a identidade feminina na literatura não seja simples criação de outrem, seja narrador ou personagem, mas uma expressão consciente da subjetividade da mulher narradas por ela própria.

CONCLUSÃO

É cada vez mais frequente a nova configuração dos grupos minoritários na

literatura brasileira contemporânea, as mulheres, como um desses grupos, são, na maioria das vezes, colocadas como um grupo que outrora subalternizado hoje luta pela conquista e o reconhecimento de seus direitos.

Vemos que a escrita feminina traz não só a configuração externa dessa busca da personagem/mulher por direitos igualitários entre elas e os homens, mas que nos apresenta também a constituição interna, os medos e desejos, dessas mulheres que buscam conhecer-se para fazer-se compreensível, ou nem isso, que quer apenas saber sobre si, sem se importar com o que vão inferir sobre ela.

No conto "As mulheres da quadrilha" Janaína nos descreve interna e eternamente três mulheres, que são ninguém menos que as mulheres de "A quadrilha", de Carlos Drummond, assim, são apresentados ao leitor os dilemas pessoais e sociais nos quais inserem-se essas mulheres.

Teresa, Maria e Lili mostram três faces do feminino, que não contemplam sua totalidade, mas que nos dão uma visão bem significativa sobre o ser mulher em meio à sociedade da multiplicidade.

Refletir a cerca da configuração feminina no texto literário pós-moderno não é elaborar perguntas para que o texto nos responda, é deixar que o próprio texto nos apresente as perguntas e com ele



XII CONAGES

XII COLÓQUIO NACIONAL REPRESENTAÇÕES
DE GÊNERO E SEXUALIDADES

descobrirmos as possíveis respostas. É o que faz Janaína Azevedo nesse conto, ela faz com que suas personagens questionem e procurem as respostas para compreender e nos fazer conhecer sua própria subjetividade, ou seja, as personagens buscam a sua solução/identidade em um vasto mundo de possibilidades.

REFERÊNCIAS:

ANDRADE, Carlos Drummond de. **Poesia e Prosa**. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1983.

AZEVEDO, Janaína. As mulheres da quadrilha. In: **Marias**. João Pessoa, PB: Editora da UFPB, 1999, p. 22-24.

MILLET, K. **Sexual Politics**. Garden City: Doubleday, 1970.

NETO, João Cabral de Melo. **Obras Completas**. Rio de Janeiro: Editora Nova Aguilar, 1994.

SILVA, Antônio de Pádua Dias da (org). **Identidades de Gênero e práticas discursivas**. Campina grande, PB: EDUEP, 2008.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. trad. Tomaz Tadeu da Silva, Guacira Lopes Louro. 11.ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2006.